

O EXEMPLO NAS GRAMÁTICAS JESUÍTICAS DE GUARANI¹

THE EXEMPLE IN JESUIT GRAMMARS OF GUARANI

Carolina Rodríguez-Alcalá

Unicamp

Resumo: Este artigo analisa o funcionamento dos exemplos nas primeiras gramáticas de guarani, escritas por missionários jesuítas nos séculos XVII e XVIII para atender aos interesses coloniais espanhóis na então região do Paraguai. A finalidade imediata de tais gramáticas era a aprendizagem da língua pelos missionários, a fim de permitir a comunicação cotidiana com os falantes da língua e sua instrução religiosa. As primeiras descrições basearam-se na observação da língua em situações de uso, uma vez que se tratava de uma língua não documentada e desconhecida pelos gramáticos. Interessa-nos neste artigo definir como a finalidade e as condições iniciais desse trabalho de gramatização determinaram a constituição do corpus de exemplos, no que diz respeito ao estatuto dos mesmos e aos critérios de validação, bem como à sua relação com a oralidade. A partir disso, visamos compreender se o trabalho linguístico inicial permitiu a estabilização do corpus ao longo do tempo, afetou o tratamento dos exemplos e deu lugar à emergência de uma tradição escrita assumida pelos locutores da língua.

Palavras-chave: exemplos; gramáticas; guarani; jesuítas; Paraguai.

Abstract: This article analyzes the functioning of examples in Guarani grammars written by Jesuit missionaries in the 17th and 18th centuries to serve the Spanish colonial interests in the then Paraguayan region. Their immediate purpose was for foreign missionaries to learn the language in order to enable everyday communication with speakers of the language and their religious instruction. The first descriptions were based on the observation of the language in situations of use, since it was an undocumented language and unknown to grammarians. The aim of this article is to define how the initial purpose and conditions of this grammatization work determined the constitution of the corpus of examples, with regard to their status and validation criteria, as well as their particular relationship with orality. From this, I seek to understand whether and to what extent this initial linguistic work allowed the stabilization of the corpus over time, affected the treatment of the examples and gave rise to the emergence of a written tradition assumed by the speakers of the language.

Key words: examples; grammars; guarani language; Jesuits; Paraguay.

Submetido em 07 de agosto de 2023.

Aprovado em 04 de setembro de 2023.

¹ Este artigo foi publicado originalmente em francês, na revista *L'exemple dans les traditions grammaticales. Langages* 166, organizada por J.-M. Fournier. Paris: Larousse/Armand Colin, junho de 2007/2, p. 112-126. Disponível em: [L'exemple dans les grammaires jésuitiques du guarani | Cairn.info](https://www.cairn.info/). Acesso em 28/07/2023.

Apresentação

As primeiras gramáticas de guarani foram escritas por missionários jesuítas nos séculos XVII e XVIII para atender aos interesses coloniais de evangelização dos índios nos então domínios espanhóis do Paraguai, visando seu controle político. Foram elaboradas a partir da adaptação de categorias gramaticais greco-latinas a uma língua muito diferente em termos de tipologia (o guarani é uma língua aglutinante) e de funcionamento social (o guarani era uma língua oral, de sociedades semi-nômades). A tensão entre esses condicionamentos técnicos e sócio-políticos determinará as características das descrições gramaticais e as particularidades do corpus de exemplos, em particular sua constituição, estabilidade e mudança ao longo do tempo. É a análise de algumas dessas particularidades, tendo em vista as condições da *gramatização* (AUROUX, 1992), o objeto deste artigo.

Tomamos a gramática como *instrumento linguístico* (*ibidem*) e como *objeto histórico*, considerando que ela intervém no processo de constituição das relações entre os sujeitos e da forma das instituições de uma sociedade (ORLANDI, 1997; 2001). As gramáticas de guarani, além de sua relevância para a história das ideias linguísticas, no que diz respeito ao desenvolvimento de teorias e métodos operado pelos missionários-gramáticos, são por isso, ao mesmo tempo, um observatório da sociedade instituída a partir dessa experiência singular que constituíram as reduções jesuíticas do Paraguai.

Analisaremos a *Breve introducción para aprender la lengua guaraní*, de Alonso de Aragona, a primeira gramática conhecida de guarani, que permaneceria inédita até 1979 (o manuscrito data de 1629ca); a *Arte de la lengua guarani*, de Antonio Ruiz de Montoya, a primeira gramática publicada dessa língua (Madrid, 1640), que é contemporânea, em sua elaboração, da gramática de Aragona; e a *Arte de la lengua guarani por el P. Antonio Ruiz de Montoya de la Compañía de Jesús con los escolios, anotaciones y apéndices del P. Paulo Restivo de la misma Compañía, sacados de los papeles del P. Simón Bandini y de otros*, de Paulo Restivo, a última das gramáticas do período das reduções (1609-1768), que foi publicada em 1724 no povoado jesuítico de Santa María la Mayor e que, como lemos no título, se apresenta como uma reedição da gramática de Montoya².

² As edições analisadas neste artigo constam na bibliografia; as citações serão feitas com o nome do autor seguido do número de página.

Esse conjunto permitirá avaliar a evolução do processo de gramatização do guarani³ ao longo do tempo, no que diz respeito aos efeitos que a criação de uma escrita e uma norma teve sobre a estrutura e as técnicas descritivas dos instrumentos linguísticos elaborados. Aragona e Ruiz de Montoya, de um lado, representam o momento inaugural da constituição do corpus e das primeiras descrições, apoiados no trabalho pioneiro dos missionários franciscanos⁴, momento que coincide com o início de organização das reduções. Já a língua que Restivo registra é resultado das transformações operadas ao longo de várias décadas de trabalho missionário, quando as reduções se encontram mais estruturadas, no auge de sua conhecida produção musical, artística e literária. Restivo conta com o trabalho gramatical de seus antecessores e um corpus considerável de traduções. Um evento significativo é a instalação, no início do século XVIII, de uma imprensa, na qual foram editadas diversas obras em guarani, entre elas a referida *Arte* de Restivo. Interessamos determinar como esses fatos se refletem na gramática, notadamente no que diz respeito à principal inovação em Restivo, a saber, o aparecimento da citação de autores, entre eles um índio. Isso levará a questionar-nos sobre o estatuto da escrita e da autoria no contexto da sociedade das reduções, permitindo-nos estabelecer algumas importantes diferenças em relação a outras tradições literárias.

1. A Constituição do Corpus

A finalidade imediata das gramáticas de guarani era a aprendizagem da língua pelos missionários, de forma a possibilitar a comunicação cotidiana e a instrução religiosa, incluindo a administração dos sacramentos. Os missionários não contavam com registros escritos nem com seu conhecimento da língua enquanto locutores, uma vez que estamos frente a um caso de *exogramatização* (AUROUX, 1992) de uma língua não documentada e desconhecida para os gramáticos. Frente a essa impossibilidade de recuo filológico, eles fundamentaram suas descrições na observação da língua em situações de uso, produzindo

³ Estamos referindo-nos aqui ao guarani jesuítico, cujo desenvolvimento histórico não deve ser confundido com aquele do guarani falado pela sociedade colonial e pós-colonial, atual língua oficial no Paraguai (junto ao espanhol), nem com o do guarani dos índios que permaneceram como grupo diferenciado, os quais representam hoje aproximadamente 1% da sociedade nacional (cf. MELIÀ, 1992; RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2002).

⁴ Os primeiros trabalhos gramaticais sobre o guarani foram realizados pelo frei franciscano Luis de Bolaños, que chegou a Assunção no último quartel do século XVII, acompanhado do frei Alonso de San Buenaventura, autor de uma gramática de quechua.

um conhecimento sincrônico. Era preciso, ao mesmo tempo, registrar a língua, formular as regras, determinar a significação das palavras e traduzir textos religiosos, num trabalho de campo realizado desde os primeiros contatos com os índios e a várias mãos, com a colaboração de intérpretes bilíngues.

Nosso objetivo neste artigo é definir de que modo essa finalidade e as condições iniciais de gramatização determinaram a constituição dos exemplos, no que diz respeito a seu estatuto, sua representatividade e sua relação com a oralidade. Em seguida, interessamos determinar, a partir da análise da citação de autores em Restivo, em que medida esse trabalho inicial de gramatização sentou as bases para a estabilização do corpus, afetando o tratamento dos exemplos e dando lugar a uma abordagem histórica dos mesmos.

1.1. A dupla tradução: estatuto e legitimidade dos exemplos

A constituição do corpus envolveu um complexo trabalho de tradução, operado em *dois sentidos* e a partir de uma cuidadosa *seleção*: era necessário, ao mesmo tempo, traduzir elementos *da* língua dos índios para que os missionários pudessem aprendê-la, evitando o que dizia respeito às crenças religiosas e a outros elementos culturais indígenas conflitantes com as instituições europeias, para traduzir *para* essa língua os elementos da doutrina e da moral cristãs considerados convenientes de serem transmitidos aos índios. As particularidades dessa tradução têm consequências sobre a representatividade dos exemplos, estabelecendo critérios diferenciados, embora superpostos, de validação dos mesmos.

1.1.1. O registro da língua

O método dos missionários corresponde, em certo sentido, ao que hoje chamaríamos de observação participante nas pesquisas de campo. A questão da atestação é fundamental na estratégia descritiva do gramático estrangeiro: os exemplos são apresentados como “registros fiéis” do uso da língua pelos locutores nativos, indicados como fonte enunciativa (*os índios usam, a índia diz...*):

La negacion ordinaria es, ani, como ta si del varon la India dice heê, Por decir no se, dicen he o herugua. (Aragona 52) (sublinhado nosso)

El imperatiuo se vsa al modo puesto arriba en la conjugación, y la negación es la que alli està. Algunas vezes dicen ÿmé por emé [...]. (Ruiz de Montoya 89) (sublinhado nosso)

A frequência funciona à maneira de jurisprudência, que legitima as escolhas realizadas (*lo ordinario es poner, a veces dicen, es mas usado, usan muchíssimo los Indios, nunca ponen...*). Notamos sobretudo em Restivo um modo de enunciar que põe em relevo essa prática da observação e o valor do testemunho pessoal do gramático (*lo hallo usado, noto que pueden admitir, un solo exemplo hallo...*). Uma grande quantidade de exemplos é apresentada a partir de um procedimento que articula a *descrição* do funcionamento da língua e a *narração* das circunstâncias em que tal funcionamento foi observado, procedimento no qual o locutor é individualizado (*um índio, uma criança, um índio principal...*):

Pi es particula de pregunta, ut: *marâ piquie* qué ay aquí? *Mbae pi aú rae* qué es esso? lo usó un Indio con unos niños que estaban hablando en la Iglesia. (Restivo 110) (sublinhado nosso)

Restivo chega a identificar o locutor, como vemos na apresentação do seguinte exemplo, atribuído a Nicolás Yapuguay, discípulo do missionário e autor de textos citados em outras passagens da gramática:

Siendo el verbo néutro ó absoluto siempre se haze con el nombre y su relativo antepuesto al participio *bae*, E. G. [...] hablando Nic. de una muger, que estubo siete dias sin poder parir, dice: *cuñâ ymembĩ á haguâcatu eýbae.* (Restivo 188) (sublinhado nosso)

Isso confere um estatuto muito particular a esses exemplos quando confrontados à distinção entre os exemplos inventados pelo gramático e a citação de autores. Não sendo citações literárias, esses exemplos têm, à maneira dessas, o caráter de enunciados atestados e referências às circunstâncias das quais foram retirados. Quanto à indicação da fonte enunciativa, esta varia da remissão a um locutor genérico (*os índios usam*), a um locutor

individualizado, mas “anônimo”⁵ (*um índio usou*), até um locutor que é “citado” (*o índio “x” usou*). Se temos presente o sentido originário de *citatio* como “aquilo que é chamado, invocado”, como nos lembra A. Rey (1995), temos que o gramático, que não é locutor da língua nem conta com registros escritos, invoca a autoridade índio através da “citação” de exemplos extraídos da oralidade, acompanhados de referências, de precisão variável, para eximir-se de sua responsabilidade.

1.1.2. O trabalho de transformação

Mas esse método de observação tem características particulares, uma vez que o objetivo último do registro da língua não era fixá-la, mas transformá-la, para permitir a tradução de um discurso alheio à língua, traduzido fundamentalmente a partir de um corpus de textos religiosos. A questão da *invenção* dos exemplos (FOURNIER, 2007) adquire um sentido radical: estes ilustram e fixam um uso que não é atestado nem atestável na língua dos índios, mas criado pelo missionário no próprio ato da gramatização; o efeito de retorno da elaboração do instrumento linguístico sobre a língua é aqui direto e imediato. Os exemplos são inventados a partir de analogias que se afastam do uso originário na língua dos índios:

[che r]ecobe mi vida. Nderecobe, Hecobe su vida del Guecobe su vida propria, como diciendo, Jesu Christo dio su vida derramo su sangre [...]. (Aragona 29) (sublinhado nosso)

Yê, es reciproco in se ipso, y sirue a verbos actiuos, simples, y compuestos, vt. Amõmbeú, yo digo, añembõmbeú, yo me descubro, ò confieso [...]. (Ruiz de Montoya 80) (sublinhado nosso)

Essa tradução envolve o conhecimento do funcionamento gramatical da língua e um trabalho considerável de transformação do léxico, operado através de diferentes mecanismos. Algumas vezes a significação originária de certos termos é substituída, como

⁵ É interessante estabelecer um paralelo entre o estatuto desses exemplos extraídos da oralidade e aquele da citação anônima no *Dictionaire Critique de la langue française*, de Jean-François Féraud, analisado por F. Martin-Berthet (1995, p. 59), como categoria intermediária entre o exemplo inventado e a citação literária.

em *tupã*, nome de uma divindade indígena utilizado para traduzir o deus cristão⁶, ou são criados neologismos, como *tupâcĩ*, “mãe de Deus” (*cĩ* = “mãe”), *atupãpĩcĩ* “comungar” (*apĩcĩ* = “eu tomo”)⁷, etc. Quanto aos mecanismos morfossintáticos, temos na seguinte passagem de Restivo um exemplo desse procedimento de tradução, que parte do uso do índio para traduzir dogmas da doutrina cristã:

[...] en el primer sentido impersonal usa mas el Indio del *habi* l. *hai* que del *cabi* y en el otro sentido personal mas usa del *cabi* l. *cai* que del *habi* y así para decir el Indio: no se ha tocado que es romance impersonal dice *ndapocohai* sin relacion y para el otro romance personal: no tiene que tocar ó en que estribar dice *ndipocoai* con la relativa. Para decir pues: la Virgen no fué tocada, fué intacta, no ha de ser con relacion *ndipococai* l. *ndipocohai Tupâcĩ*, sino *ndapocohai Tupâcĩ rehe* [...]. V. G. La Virgen no fué tocada del pecado, se haga desta manera que es mucho mejor: *na ângaypa pocoharuguaĩ nânga Tupâcĩ* la Virgen no es á quien tocó el pecado. (Restivo 164-5) (sublinhado nosso)

A natureza dessa tradução estabelece critérios diferenciados de validação dos exemplos: estes devem mostrar-se adequados, ao mesmo tempo, à *língua* dos índios e à *doutrina* cristã. Alguns exemplos foram assim questionados não por questões estéticas, retóricas ou de registro, mas por serem *heréticos*, como foi o caso das críticas ao corpus de Ruiz de Montoya, numa conhecida disputa ocorrida em meados do século XVII sobre o *Catecismo* publicado junto com sua gramática, em que se acusava o missionário estrangeiro de ter utilizado, por desconhecimento da língua dos índios, termos de conotação sexual para traduzir os nomes de Deus e da Virgem Maria. Além da *autoridade linguística* do gramático, o que estava em jogo, em termos individuais, era sua *autoridade moral*: Ruiz de Montoya atribui as traduções questionadas ao frei Luis de Bolaños, “de tão conhecida virtude, opinião e santidade”, para legitimá-las⁸. Do ponto de vista institucional, o corpus era avalizado pela Igreja, que aprovava as traduções⁹ e autorizava a publicação das gramáticas, sempre com base no duplo critério de terem sido analisadas por *bons*

⁶ Essa tradução, ao que tudo indica, é herdada da tradição gramatical tupi.

⁷ Neste caso, é usada uma locução verbal, com o acusativo (*tupã*) incorporado entre a flexão de pessoa (*a*) e o verbo (*pĩcĩ*), para traduzir o conceito cristão, mas devemos considerar que as fronteiras entre léxico e gramática não são claras em se tratando de uma língua aglutinante como o guarani.

⁸ Para uma exposição detalhada dessa disputa, confrontar Melià (1969 I, p. 130-173).

⁹ O primeiro catecismo em guarani foi feito por Bolaños a partir da tradução do catecismo aprovado pelo III Concílio Limense (1583); a tradução de Bolaños foi por sua vez aprovada pelos Sínodos de Assunção de 1603 e 1631.

conhecedores da língua dos índios e por não conterem elementos contrários à *Santa Fé e bons costumes*, como lemos nas aprovações das gramáticas de Ruiz de Montoya e de Restivo.

2. Os exemplos como suportes da oralidade

A oralidade, nessas gramáticas, não é apenas o ponto de partida necessário, em se tratando da descrição de uma língua não documentada, mas também o ponto de chegada: a finalidade expressa é *não errar falando, entender e ser entendidos*. A exposição da explicação gramatical e a seleção dos exemplos respondem às necessidades de comunicação oral em diferentes situações de uso, que encenam diálogos, com as fórmulas linguísticas e os personagens correspondentes: cenas da vida cotidiana das missões, relacionadas à prática da catequese, à confissão, aos castigos aplicados aos índios, às conversas entre índios, entre índios e missionários, etc. Mesmo quando se trata da tradução de textos religiosos, esses textos estavam marcados pela oralidade e não estavam destinados a serem *lidos* pelos índios, mas *transmitidos oralmente* a eles. A base da instrução religiosa nas missões foi, até sua dissolução, o catecismo¹⁰, apresentado na forma de perguntas e respostas, que devia ser escutado, repetido em voz alta e memorizado pelos índios; outros textos religiosos que constituíam o corpus nas missões, como sermões e conferências espirituais, eram também objeto de repetição (cf. MELIÀ, 1992).

Os exemplos são tratados através de uma metalinguagem da enunciação, isto é, da descrição do modo de dizer na situação de uso; eles põem em evidência fatos considerados para além do domínio gramatical, trazendo à tona a relação da língua com a exterioridade, algo incomum nos instrumentos linguísticos da época¹¹. São indicados elementos do contexto semântico-pragmático, incluindo explicações referidas ao locutor:

Pucui quando viendo algo de lexos, preguntamos que es aquello? Mbaè pucui, Aba pucui, quien es aquel? mostrando como si no lo vieramos, sino oyeramos solamente, como es un estruendo, o otra cosa? entonces se pregunta con aipo diciendo mbaèpaipo que es esto. (Aragona 57-8)
(sublinhado nosso)

¹⁰ O catecismo utilizado com os índios era o mesmo destinado na Europa às crianças e aos iletrados.

¹¹ Retomamos aqui as afirmações de Nunes (1996, p. 93) em relação ao método linguístico dos jesuítas na gramatização do tupi, no século XVI.

[Adverbios particulares]

Tiŷ, no, con desden.

[...]

Ahẽ. | ola, llamando.

Rei.

Eneĩ. | ea tu, animando.

(Ruiz de Montoya 146-7) (sublinhado nosso)

Las partículas *pe, pãnga, piã, paco, pico, puguĩ* [...] son partículas que sirven para conciliar la atencion antes de narrar alguna cosa [...].

Lo mesmo hazen las partículas afirmativas como *naco, nero, nico, ro, nuguĩ* &c., ut:

chanero miradlo pues, como quien ve la cosa [...].

Charo l. *chaĩro* mirad aquello, sin que se aya hablado de la cosa.

Chaterô mirad, atended, como mostrandole algo. (Restivo 112) (sublinhado nosso)

3. A citação de autores em Restivo

Resta-nos determinar, a partir do que foi exposto, como deve ser entendida a citação de autores em Restivo, isto é, em que medida o fato aponta para o surgimento de uma tradição escrita e como isso afeta o estatuto e tratamento dos exemplos, notadamente no que diz respeito à sua relação com a oralidade. Analisaremos a seguir a natureza e a forma dessas citações, pondo-as em relação com os exemplos extraídos da oralidade, de modo a determinar qual é o funcionamento da escrita e da autoria nessa gramática.

3.1. As referências

Restivo cita autores estrangeiros — religiosos e leigos — e um índio, Nicolás Yapuguay, os quais menciona em sua apresentação ao leitor:

Los autores, que se citan, son: Ruiz, Bandini, Mendoza, Pompeyo, Insaurralde, Martinez y Nicolas Yapuguay, todos son de primera classe. (Restivo 6)

São omitidos nessa apresentação Aragona, Mendieta e Ignacio, também citados, além de Gomez e Altamirano, que aparecem no tratado de partículas que se segue à gramática. Restivo não fornece maiores referências desses autores, apresentando-os como sendo conhecidos pelos leitores. Quanto às fontes textuais, as referências, quando indicadas, não são mais precisas. Trata-se, em todos os casos, de anotações linguísticas e

de traduções: Restivo menciona *sermões, doutrinas, composições, anotações, papeis*, tal como anunciado no título de sua gramática.

Restivo oscila entre os seguintes procedimentos na apresentação das citações:

— *exemplo + autor*

Este é o procedimento mais frequente. Restivo limita-se a citar o autor, sem indicações sobre o texto do qual foi extraído o exemplo:

Con esta particula *rire* y negacion se haze el romance »si no ubiera« [...]. Item á vezes da este romance »por no aver«: *penamôî yeta ocarai eÿmbire, oho añaretame rae* por no aver sido vuestros abuelos Christianos, se fueron al infierno (Mend.) [...]. (Restivo 120-1) (sublinhado nosso)

— *exemplo + autor + texto*

Algumas vezes, a fonte textual é mencionada, com um grau de precisão variável. Ela pode ser identificada como *um/o sermão (uma/a doutrina...)* ‘x’:

Nota que muchas vezes usan del *rûguaÿ* sin la partícula *na*, ut: *añebê teçaorî catu pîpe hece omaêmo* (Band. sermon de la Purific.) por esso le mira no con ojos alegres. (Restivo 47) (sublinhado nosso)

ou simplesmente como *um/o sermão (uma/a doutrina)*:

Preguntando en una doctrina Nic. porqué las obras buenas de los que estan en pecado mortal no tendrán premio en la otra vida responde: *Tupâ gracia hembiaipo mbocatupîrî harangue poreÿ ramboé* por falta de la gracia de Diós que avia de aver hecho buenas sus obras [...]. (Restivo 67) (sublinhado nosso)

Essa imprecisão pode ser explicada pela natureza dos textos citados. Estes não são, como em outras tradições gramaticais, obras literárias (religiosas ou não) escritas por autores, enquanto “usuários” privilegiados da língua a serem tidos como modelos, mas registros do uso corrente da língua e traduções feitas por *locutores capazes*, no caso de Yapuguay, ou por estrangeiros *lenguarazes*, isto é, bons conhecedores da língua, nos demais casos. Mais do que a *autores*, Restivo recorre assim a *autoridades* na língua, cuja

simples menção basta para avaliar suas descrições, mesmo em certas passagens em que os exemplos são inventados pelo gramático e legitimados por analogia: “todos se hallan tal qual vez usados de Martínez que fue gran lenguaraz y del Padre Simon Bandini, príncipe de esta lengua”; “son modos muy usados en las composiciones de Indios y Padres lenguaraces” (Restivo 163, 194).

As citações textuais funcionam de modo a atestar o uso corrente dos índios, como vemos explicitado em diversas passagens pelo modo de apresentar os exemplos (*os índios usam/dizem...* + citação). Na maioria dos casos essa atestação é feita por estrangeiros, o que produz uma discrepância entre a fonte enunciativa que introduz o exemplo (o índio) e a citação de autor estrangeiro para legitimá-la:

Ma l. mabae, qual es, ut: ma pãnga qual es? Ma ñabê pãnga como es, de que tamaño? A vezes dicen: quien, ut: mabae upe guarâ para quien? y se le puede añadir ace, ut: mabae acepĩri pãnga ereyu raé (Band.) para quien has venido? (Restivo 27) (sublinhado nosso)

É na qualidade de conhecedores do uso corrente da língua do índio, enquanto tradutores ou, ainda, como enunciadores das regras gramaticais (“es observación del padre Bandini”, “las reglas generales que da el P. Antonio Ruiz...” [Restivo 116, 145]), que esses autores são invocados pelo gramático para caucionar suas próprias observações. Assistimos sempre a um trabalho de campo, de observação e transformação da língua, que neste momento do processo de gramatização se encontra mais amplamente registrado pela escrita. Restivo explicita através da citação de textos o caráter coletivo da autoria que desde o início caracterizou esse trabalho gramatical, o que é expresso já no próprio título de sua *Arte*.

3.2. A oralidade e a escrita no tratamento dos exemplos

Não existe assim oposição, mas um *continuum*, no tratamento dos exemplos extraídos do uso corrente da língua e as citações de textos escritos, uma vez que a referência é em todos os casos esse uso, como observamos nos seguintes exemplos, o primeiro extraído de um texto escrito, o segundo da observação da oralidade:

Arrimando á los dichos gerundios algun pronombre paciente quando se pudiere, aun con néutros y absolutos se puede usar; assí lo usó Nic. en un sermon de la concepcion explicando aquellas palabras: tu insidiaberis calcaneo eius, ipsa coneret caput tuum, desta suerte: *erehaâ haâ au teÿ yepe tenânga haebae cuña pïta rehe ymombebo mburu ndererecobo*, el pronombre paciente es el nde. (Restivo 151) (sublinhado nosso)

El pronombre relativo es *haé* [...].El Ablat. haze *haé pïpe* l. *ypïpe*; *haé pïpe ayu* en ella vine, assí lo usó un Indio hablando de una canoa [...]. (Restivo 25) (sublinhado nosso)

A identificação das fontes escritas tem, muitas vezes, a função de situar o objeto do discurso citado e contextualizar semanticamente os exemplos, num procedimento similar ao adotado em relação aos exemplos extraídos a oralidade, como vemos nos seguintes exemplos, um extraído de um sermão de Bandini, outro observado por Restivo numa confissão (que é citado no tratado de partículas):

Despues de aver hablado en un sermon de la pureza de María SS. el P. Band. acaba el período desta manera: *ma eyteÿtamo pae Tupâ ÿbïtïruçu Libano ya recoari catu hecomboyoyabo aracae* pues de balde avia Diós de comparar? [...]. (Restivo 194)

Â narigal l. *âng* sombra, sospecha, representacion: *quarahï âme* á la sombra del sol [...]; confessandose un Indio de dos pecados ciertos, no se acordaba bien del terzero y lo explicó de essa manera: *ymomboapï yâ yâ chebe* [...]. (Restivo 216)

É preciso ter presente a própria natureza dos textos citados, que como foi assinalado estavam marcados pela oralidade e destinados a serem transmitidos oralmente aos índios. As citações textuais são frequentemente introduzidas por verbos locutivos e apresentadas de acordo com uma estrutura dialogal (“hablando el padre Pompeyo de... dice...”; “preguntando Nicolás... responde...” etc.). Isso produz uma indistinção em muitos desses exemplos, uma vez que essas citações não têm, a rigor, marcas formais que as distingam e que a identificação da fonte enunciativa, como havíamos visto, pode também caracterizar exemplos extraídos da oralidade:

hablando Nic. de una muger, que estuvo siete dias sin poder parir, dice: *cuñã ymembĩ á haguâcatu eýbae.* (Restivo 188) (sublinhado nosso)

hablando el P. Aragona de aquella estrella que guió los magos y se paró encima de Belen, dice: *henonde rupi oata ohobo, mitã Jesus áhague á ramo guendĩ catupĩri reropĩtabo coite: cone hini raé penembieca oyabo berami* andubo caminando por delante dellos y se paró con sus hermosísimos resplandores encima del lugar donde avia nacido el niño Jesus, como si dixera: aquí está á quien buscais [...]. (Restivo 127-8) (sublinhado nosso)

Concluimos muitas vezes que se trata de citações de textos escritos e não observados pelo gramático no uso oral pelo objeto do discurso citado (traduções religiosas *versus* temas da vida cotidiana, como nos exemplos de Aragona e Yapuguay *supra*) ou por nosso conhecimento histórico de que os autores citados não são contemporâneos de Restivo (como Aragona), o que indica que se trata de registros escritos. Mas alguns textos citados registram exemplos não religiosos extraídos da comunicação cotidiana, como o seguinte exemplo de Martínez, contemporâneo do gramático:

Aviendo segundo verbo aunque se dexa la partícula *tamo* l. *amo* con los tiempos de subjuntivo y gerundios, tambien dará el romance de »como si« E.G. *marãnderecoeýramo pae, Pay ndenupãuca eými rae* (Mart.) como si no fueras vellaco, avia el Padre de dexar el mandar açotarte [...]. (Restivo 193) (sublinhado nosso)

3.3. O que é um autor (índio)?

Esses procedimentos indicam que a escrita não representa nessas gramáticas um registro à parte, separado da oralidade, mas um subsídio para a comunicação oral com os índios. Os autores citados não são escritores de obras em guarani, mas tradutores, cuja autoridade remete sempre, em última instância, àquela do locutor da língua. Quanto ao autor índio, sua função é a de tradutor-intérprete nativo já alfabetizado ao qual recorre o missionário estrangeiro para confirmar suas descrições ou (re)escrever suas traduções de modo mais adequado à língua descrita.

O caso de Yapuguay, o mais célebre escritor em guarani, é um bom exemplo para avaliar o estatuto da autoria indígena. Ele assina dois livros impressos nas reduções: o primeiro, publicado no mesmo ano que a gramática de Restivo (1724), é a *Explicacion de*

el catechismo en lengua guarani por Nicolas Yapuguai con direccion del P. Paulo Restivo de la Compañía de Jesús; o segundo, Sermones y exemplos en lengua guarani, por Nicolás Yapuguay. Con direction de un religioso de la Compañía de Jesus. En el pueblo de S. Francisco Xavier, é publicado três anos mais tarde, em 1727.

O Prefácio de *Explicacion de el catechismo...*, escrito por Restivo, é muito elucidativo. Ele mostra que a autoria do índio não corresponde à concepção moderna de autor na tradição ocidental. Para Foucault, o autor de uma obra é, no sentido moderno, o princípio de unidade do texto, o lugar originário da escrita, a quem se pode atribuir o poder criador, o projeto, a responsabilidade (FOUCAULT /1969/ 2002, p. 50). Todos os discursos que comportam a função autor comportam uma pluralidade de “eus”, que asseguram essa função: o eu do prefácio, das conclusões, o que fala do significado do trabalho, dos obstáculos encontrados, dos resultados obtidos, dos problemas que ainda se põem (*ibidem*, p. 55-56). Vejamos como isso se coloca no Prefácio do livro assinado por Yapuguay:

Muy conocida, y Superior, á lo que puede caber en un Indio, es la capacidad desse Nicolas Yapuguay Casique y Musico de S. MARIA [...]. De esse me he querido valer yo, para hacer estas Doctrinas que te ofrezco. [...] La frase para Doctrinas há de ser buena si, pero llana, para que aun los niños la entiendan, y assi he puesto particular cuydado de que las Compusiesse con estilo no muy levantado, pero bueno; la frase es Suya, yo no hize mas que darle la materia que hè sacado del Thesoro de la Doctrina Christiana del Cardenal Roberto Bellarmino, del S. D. Nicolas Turlot, del P. Fr. Bernardino Mercader de la Orden de S. Francisco en una obrita que intitula Nucleus Catecheticus y del Catechismo Theologico del P. Francisco Pomey de Nuestra Compañía. [...]. Algunas Doctrinas han salido algo largas, pero esso no es falta, porque podras mi Lector dexar lo que te pareciere. Al breve ira un breve compendio del Catechismo Limense. Te ruego, las recibas con el mismo animo con que yo te las ofrezco [...]. (cf. Melia 1969, I: 212)

O lugar originário da escrita representado no Prefácio é Restivo: todos os “eus” remetem a ele (*me he querido valer yo, la materia que he sacado, estas doctrinas que te ofrezco, mi Lector*). Restivo atribui-se o projeto da obra, explicando os cuidados com o estilo (*no muy levantado pero bueno*), a seleção dos textos traduzidos (uma compilação de catecismos), os resultados (*algunas Doctrinas han salido un poco largas*) e a continuidade do trabalho (*Al breve ira un breve compendio del Cathecismo Limense*). Yapuguay

representa o falante nativo *capaz* que interpreta e rescreve em sua língua a obra de seu mestre (*la frase es Suya / yo no hice mas que darle la materia*).

É preciso considerar o controle sobre a prática da escrita exercido pelos jesuítas em relação aos índios. A alfabetização limitava-se a uma pequena elite constituída, em sua maioria, pelos filhos de caciques e outras autoridades indígenas e ainda essa elite alfabetizada tinha um domínio limitado da escrita e da leitura. Mais do que escritores, formava-se copistas, inclusive em castelhano e em latim, que desenvolvessem a arte da caligrafia e fossem capazes de fazer leituras em voz alta, sem que isso indicasse um domínio dessas línguas. Quanto à escrita em guarani, ela esteve dirigida ao missionário estrangeiro (os títulos, os prefácios e as notas explicativas das obras de Yapuguay estão escritas em espanhol), como subsídio para seu trabalho catequético, e foi sempre exercida sob estreita tutela, como indicam o Prefácio e os títulos das referidas obras de Yapuguay (que assinalam a *direção* do missionário), ou algumas passagens na gramática de Restivo quando cita seu discípulo (*Nic. en una doctrina que le hize hazer...* [Restivo 213]).

4. A instabilidade do corpus

O fato de a finalidade imediata das gramáticas – a comunicação oral com os índios – ter permanecido estável representou um critério de instabilidade do corpus constituído. Uma vez que se tratava de *entender e ser entendidos*, o que não era entendido em um espaço/tempo determinado devia ser excluído. Não há lugar para arcaísmos nessas gramáticas. Ao mesmo tempo, o fato de esse trabalho de gramatização não ter sido centralizado por um Estado nacional, a extensão geográfica considerável e as dificuldades de comunicação entre as reduções, são outros fatores que atentaram contra uma maior fixação do corpus.

A tarefa gramatical empreendida nesse segundo momento da gramatização representado por Restivo apresenta-se, assim, como uma atualização dos primeiros trabalhos gramaticais. Martínez, autor citado por Restivo, faz uma nova tradução do catecismo de Ripalda, base da tradução do *Catecismo* de Ruiz de Montoya, que poucas décadas depois era considerada arcaica e de difícil compreensão. O mesmo acontece com o *Tesoro de la lengua guarani*, dicionário publicado por Ruiz de Montoya em 1639, que Restivo atualiza em *Phrases selectas y modos de hablar escogidos y usados en la lengua*

guaraní, sacados del Tesoro escondido que compuso el Padre Antonio Ruiz de nuestra Compañía de Jesús para consuelo y alivio de los fervorosos misioneros, principiantes en dicha lengua¹². O Prefácio de *Phrases selectas* expõe a situação apontada. O texto atesta, em primeiro lugar, a grande variabilidade da língua, que ainda em tempos de Restivo produzia problemas de incompreensão mesmo em povoados próximos entre si. Restivo expõe também as críticas que circulavam em relação a Ruiz de Montoya, pelo fato de que a língua registrada por ele já não se entendia, o que tornava sua leitura uma “perda de tempo”:

...algunos vocablos, y modos de hablar, que aunque en la realidad son vocablos y terminos propios de los naturales, pero Ya per non vsum, se han antiquado y hecho casi inteligibles [*sic*]. [...]. Y no por esso [...] hemos de condenar ni tachar el tesoro [...]. Confieso hauer sido Yo uno de los que al principio, no hazian caso del dicho Tesoro; Y no niego tambien reconocer la falta, no en el, sino en mi; Ya por no penetrar bien los terminos, Ya por auer oydo, que era tiempo perdido leerle, Ya tambien porque leyendo algunos parrafos a los naturales no me entendian [...]. (cf. MELIÀ, 1969, I, p. 62-3)

O valor instrumental da língua, como se depreende dessas críticas, continuou a orientar o trabalho realizado neste segundo período da gramatização, fazendo com que a abordagem sincrônica do corpus prevalecesse, tal como indica Restivo ao justificar seu trabalho de atualização do *Tesoro*:

Mas con dezeo de que no se ocultasse mas, a los ojos de tanto feruoroso misionero, y aconsejado de algunos P.es, que me lo pidieron, me determine sacarlo en limpio escogiendo los terminos mas vsados, y dexando los vocablos, que por no tales, no se entienden: tomando este pequeño trabajo, con dezeo de ayudar, y dar algun aliuiio a los Missioneros princiantes [*sic*], desde los principios de sus feruorosos trabajos en el estudio deste Idioma guãrãñi. (*ibidem*, p. 63)

Considerações finais

A análise realizada permitiu apontar algumas características do corpus de exemplos nas gramáticas de guarani e sua relação com as condições históricas de elaboração dessas

¹² O manuscrito é de 1687, data anterior à chegada de Restivo às missões (1691), mas Melià (1969, II, p. IV-V) atribui o fato a um erro do copista e atribui a autoria ao missionário siciliano.

gramáticas, o que inclui sua finalidade política, a imagem da língua e do locutor e o tipo de sociedade instituída. A gramatização do guarani não surgiu de um projeto de construção de uma unidade nacional, apoiado na ideia de excelência da língua, mas da necessidade de controle político de seus locutores, os quais foram mantidos, ao que tudo indica, à margem desse processo, que permaneceu orientado ao missionário estrangeiro. A língua não representou um patrimônio cultural a ser conservado e cultivado, mas manteve um valor instrumental, o que continuou a afetar as estratégias de constituição dos exemplos, sua permanência e sua relativa instabilidade. Esses fatores estabelecem algumas diferenças importantes em relação à gramatização de outras línguas, como os vernáculos europeus ou mesmo certas línguas no contexto colonial americano, como o português no Brasil¹³, diferenças essas que devem ser consideradas para compreender a especificidade do trabalho gramatical dos jesuítas em relação às línguas ameríndias¹⁴. O modelo de subjetivação promovido pelos exemplos nas gramáticas de guarani não é o sujeito burguês dos Estados liberais europeus, mas o *discípulo obediente*, sob a estrita tutela do mestre, o que responde ao projeto político da sociedade das missões. Se essas condições se modificaram e os índios se apropriaram desse trabalho de gramatização é algo a ser analisado com cuidado, mas nas gramáticas analisadas, pelo que concluímos do funcionamento dos exemplos, não há indícios de que isso tenha acontecido.

Referências

AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.

AUROUX, S. ORLANDI, E. P. e MAZIERE, F. (Orgs.). *L'hyperlangue brésilienne*. *Langages*, 130. Paris: Larousse, 1998.

¹³ Ver, a esse respeito, os artigos sobre a gramatização do português brasileiro em Auroux, Orlandi e Mazière (1998) e em Orlandi (org.) (2001).

¹⁴ É interessante confrontar, à maneira de comparação, o artigo de Chantal Girardin (1995) sobre o exemplo no dicionário *Dictionnaire Royal Augmenté*, de François-Antoine Pomey, elaborado de acordo com a doutrina pedagógica dos jesuítas junto à elite europeia; e, de outro lado, o trabalho de Nunes (1996) sobre as descrições lexicográficas do tupi realizadas pelos jesuítas do Brasil.

MARTIN-BERTHET, F. Les citations ‘anonymes’ dans le *Dictionnaire Critique* de Féraud (1787). In: *L'exemple dans le dictionnaire de langue. Histoire, typologie, problématique. Langue française* 106. Paris: Larousse, maio 1995, p. 55-75

FOUCAULT, M. 2002. *O Que É um Autor?* Alpiarça: Vega/Passagens, 4ª edição. (Tradução de: Qu'est-ce qu'un auteur? In: *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, no. 3, julho-setembro 1969, p. 73-95.

FOURNIER, J.-M. Constitution des faits/validation des données dans les grammaires de la tradition française. In: *L'exemple dans les traditions grammaticales. Langages* 166, 2007/2, p. 86-99.

GIRARDIN, C. Une doctrine jésuite de l'exemple. Le *Dictionnaire Royal Augmenté* de François-Antoine Pomey. In: LEHMANN, A. *L'exemple dans le dictionnaire de langue. Histoire, typologie, problématique. Langue française* 106. Paris: Larousse, maio 1995, p. 21-34

LEHMANN, A. *L'exemple dans le dictionnaire de langue. Histoire, typologie, problématique. Langue française* 106. Paris : Larousse, maio 1995.

LEHMANN, A. La citation d'auteurs dans les dictionnaires de la fin du XVIIIe siècle (Richelet et Furetière). In: *L'exemple dans le dictionnaire de langue. Histoire, typologie, problématique. Langue française* 106. Paris: Larousse, maio 1995, p. 35-54.

MELIÀ, B. *La création d'un langage chrétien dans les reductions des guaranis au Paraguay*. 2 Vol. Tese de Doutorado, Universidade de Estrasburgo, 1969.

MELIÀ, B. *La lengua guaraní del Paraguay*. Madrid: Mapfre, 1992.

NUNES, J. H. *Discurso e Instrumentos Linguísticos no Brasil: Dos Relatos de Viajantes aos Primeiros Dicionários*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

O'NEILL, Ch. E., S.I. e DOMÍNGUEZ, J. M. S.I. (Orgs.). *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús. Biográfico-Temático*. Roma: Institutum Historicum, S.I.; Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 4 Vol., 2001.

ORLANDI, E. P. *Terra à Vista. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, E. P. *História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional*. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001.

REY, A. Du discours au discours par l'usage: pour une problématique de l'exemple. In: *L'exemple dans le dictionnaire de langue. Histoire, typologie, problématique. Langue française* 106. Paris: Larousse, 1995, p. 95-123.

RODRIGUEZ-ALCALÁ, C. La langue urbaine: le guarani à la campagne et dans l'espace public de la ville. In: *Langage et société*, 101. Paris: Maison des sciences de l'homme, 2002, p. 54-98

RODRIGUEZ MOLAS, R. 1985. *Los sometidos de la conquista. Argentina, Bolivia, Paraguay*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.

SEPP, A. 1971. *Relación de viaje a las misiones jesuíticas*. Buenos Aires: Eudeba, Vol I.

SEPP, A. 1974. *Jardín de flores paracuário*. Buenos Aires: Eudeba.

Gramáticas

ARAGONA, A. de. 1979. Breve introducción para aprender la lengua guaraní. In: *Amerindia*, 4, 23-61 (ms. 1629ca; edição, apresentação e notas de B. Melià).

RUIZ DE MONTROYA, A. /1640/ 1993. *Arte de la lengva gvaraní*. Asunción : CEPAG (edição fac-similar; apresentação e notas de B. Melià).

RESTIVO, P. /1724/ 1892. *Linguae guarani grammatica hispanica a R. P. jesuita Paulo Restivo, secundum libros Antonii Ruiz de Montoya, Simonis Bandini aliorumque, adjecto particularum lexico anno MDCCXXIV in civitate Sanctae Mariae Majoris, edita et "Arte de la lengua Guarani" inscripta, sub auspiciis et impensis illustrissimi Domini Petri, principis Saxo-Coburgensis Gothensis, ex unico quod in Europa noscitur ejusdem serenissimi principis exemplari redimpressa, necnon praefatione notisque instructa opera et studiis Christiani Frederici Seybold*. Stuttgart: G. Kohlhammer.